

Em Caracas, Amorim terá papel decisivo na posição do Brasil

Conexão Brasília

Amorim vira 'olhos de Lula' e terá papel decisivo em posição do Brasil

Relato de assessor do presidente brasileiro será crucial para reconhecer vencedor ou classificar eleição como fraudulenta

EDUARDO GAYER ROSEANN KENNEDY BRASÍLIA

O assessor especial da Presidência da República para Assuntos Internacionais, Celso Amorim, foi escalado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para ser "seus olhos" em Caracas. Sob um esquema de segurança especial, ele desembarcou para acompanhar as eleições de hoje. Segundo fontes ouvidas pelo Estadão, seu relato terá um peso decisivo na decisão do Brasil de reconhecer ou não o resultado da votação.

Na sexta-feira, ele se reuniu com o chanceler venezuelano, Yvan Gil, e ontem se encontrou com representantes da oposição. O temor da comunidade internacional cresceu após o ditador Nicolás Maduro afirmar que haverá um "banho de sangue" caso ele não seja reeleito. A fala estremeceu a relação com Lula, seu aliado de décadas, que afirmou ter ficado assustado com o tom adotado pelo venezuelano.

OBSERVADORES. Na terça-feira, Maduro mentiu ao dizer que o sistema eleitoral brasileiro não é auditável, o que levou a presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministra Cármen Lúcia, a cancelar o envio de técnicos para monitorar a eleição. Apesar da posição do TSE, Lula preferiu manter a viagem de Amorim por avaliar que sua presença daria respal-



Yvan Gil (diante do quadro de Simón Bolívar) conversa com Amorim antes das eleições na Venezuela

González Urrutia, o candidato improvável que desafia a ditadura

No dia em que Edmundo González Urrutia foi arrancado da obscuridade e escolhido para enfrentar o ditador Nicolás Maduro, os técnicos estavam ocupados garantindo que a casa dele não estivesse sob escuta telefônica. "Isso não estava nos nossos planos", disse a mulher dele, Mercedes López de González, no seu apartamento em Caracas.

Pouco tempo atrás, González Urrutia, de 74 anos, era um diplomata aposentado e

do à decisão de reconhecer os resultados. A análise do presidente foi a de que a presença do assessor tem teor político, e a do TSE, jurídico.

avô de quatro netos, sem aspirações políticas. Manteve-se ocupado escrevendo trabalhos acadêmicos, palestrando em conferências e levando os netos para visitas ao barbeiro e aulas de música. Poucos na Venezuela sabiam quem ele era. Agora, muitos depositam suas esperanças nele para pôr fim ao chavismo.

De repente, ele voltou a ter um emprego em período integral. "Duas vezes por dia, tenho de limpar o telefone", disse o candidato. "Apago quase 150 mensagens. Vou para a cama à 1 hora e, às 4 horas, estou de pé trabalhando novamente. Nunca imaginei isso." ● WRT

A preocupação com a eleição levou o governo brasileiro a reforçar a fronteira. À Coluna do Estadão, o diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues,

disse que há um planejamento para agir, se for preciso. "Estamos monitorando a situação. Nossa equipe de inteligência está atuando, e o efetivo da Operação Acolhida alerta um para eventual aumento do fluxo."

A fronteira da Venezuela com o Brasil em Pacaraima (RR) foi fechada por determinação de Maduro. De acordo com fontes da região, apesar do fechamento, é possível atravessar pelas trilhas secas. O governo brasileiro não descarta um salto no fluxo migratório a depender da tensão pós-eleição.

Com a volta do PT ao governo, em 2023, as relações entre Brasil e Venezuela foram retomadas. Nos anos de Jair Bolsonaro, o Itamaraty reconheceu o governo de Juan Guaidó como representante legítimo da Venezuela e rompeu relações com o chavismo.

Sob Mauro Vieira e Celso Amorim, a diplomacia brasilei-

ra trabalhou para reconstruir pontes e restabelecer relações, com o argumento de que empresas brasileiras tinham dívidas de US\$ 1,27 bilhão com a ditadura chavista. O Brasil enviou a Caracas a embaixadora Glivânia Maria de Oliveira e recebeu em Brasília o embaixador Manuel Vadell.

Nos primeiros meses de governo, Lula emprestou apoio diplomático e político a Maduro, a quem recebeu com honras no Planalto, em maio do ano passado, durante uma cúpula para relançar a União de Nações Sul-Americanas (Unasul).

O respaldo foi mal visto por outros presidentes da região, principalmente o chileno Gabriel Boric, de centro-esquerda, e o uruguaio Luis Lacalle Pou, de centro-direita, que reclamaram da reabilitação dada ao chavista. Ainda em 2023, o Brasil, ao lado de Colômbia, EUA e União Europeia patrocinou um acordo entre oposição e chavismo para a realização de eleições justas e livres em troca da retirada de sanções.

CRÍTICAS. Os Acordos de Barbados foram colocados em xeque por Maduro, que proibiu a líder da oposição, María Corina Machado, de disputar a eleição e criou dificuldades para a inscrição de outros nomes, além de dificultar o registro de eleitores de fora da Venezuela - a maioria opositora.

No ano passado, em busca de um subterfúgio para mobilizar sua base eleitoral, Maduro organizou um plebiscito para anexar uma parte da Guiana reivindicada pela Venezuela. As ameaças aumentaram a tensão militar na reunião, já que Maduro ameaçou uma mobilização de tropas. A diplomacia brasileira evitou condenar a agressão chavista.

De modo geral, o Brasil evitou criticar os abusos de Maduro até março, quando o Itamaraty divulgou uma nota condenando a proibição da inscrição de Corina Yoris para substituir Maria Corina. Desde então, Maduro passou a ver Lula e o governo com suspeita. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Pagina: 14